

A DEMOCRACIA

ORÇÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 26

EXPEDIENTE

Anno. 6,000

São nossos correspondentes :

Em Barbacena, o Sr. T. Lino
Marques da S. Pereira.

Em S. João d'El-Rei, o Sr. T. Francisco de Paula Pinheiro.

No Recife, o Sr. Dr. Rocha Lima.

Rio 11 de Maio de 1887.

CHRONICA POLITICA

Eis-nos, pois, na estação parlamentar.

Ella iniciou-se na data constitucional prescripta e com todas as formalidades do rito, excepto a coroa, o sceptro, os papos de tucano, os calções medievales e outros adornos do festival, ausentes pela ausencia do augusto portador d'elles, ainda pela enfermidade impedido.

No estreito recinto do antigo palacete do conde d'Arcos, a falta da magestade foi de todas a mais sensível excepção. Tanto que a maioria dos pais da Patria, promptos para os trabalhos legislativos, não se resolveram a assistir a essa sessão magna, despida do mais forte e irresistível attractivo, do ornato mais seductor e do mais appetível condimento. Preferiram ficar em suas casas ou em outro sitio mais aprazível, de certo cogitando em seu estremeado patriotismo nos meios de encaminhar rapidamente o paiz aos seus grandes destinos e o povo à suprema felicidade!

Magnanimos esses representantes da nação! Typos que os outros povos tanto procuram e não encontram lá em suas terras!

A despeito da imponencia do sr. ministro do imperio, mettido no seu fardão luzido, com magestoso ar fazendo de magestade, a ler a imperial *falla* com a sua voz resonante contrastando com a voz de ancião do imperador, o grande acto da comedia constitucional resentio-se de todos esses claros abertos pelo principal e pelos secundarios actores.

Correu frio e insipido como um dia de inverno. O sol estava de cama.

Muita cousa contém a *falla* do throno. Ella encheu-nos de esperanças.

Isto principalmente porque sua magestade está certo de que os augustos e dignissimos representantes do paiz *continuarão a corresponder aos votos e confiança que a nação deposita no zelo e patriotismo d'elles.*

Ignora-se como sua magestade e seu governo puderam conhecer e medir tal depositode votos e confiança da nação e assegurar-nos a sua existencia. Sua magestade deve ter lá o seu processo.

Imaginayamos ser a affirmativa da *falla* uma das muitas e repetidas mentiras officiaes proprias do systema monarchico que entre nós vigora; uma d'essas chapas declamatorias por demais sedigas e cujo uso é já offensivo do decoro publico.

Mas, reflectimos depois que ninguém possui o dom de ver e conhecer como o imperador; ninguém é sabio e vidente como elle; o que ninguém descobre, sua magestade encherá.

Sua magestade tem certeza de que os srs. representantes *continuarão a corresponder aos votos e confiança da nação.*

Sem duvida! Elles *continuarão a corresponder* certamente como têm correspondido até aqui. Ha alguém que o conteste? Não ha!

Atten'o ao rol das medidas apontadas pela *falla* e maxime ao estímulo dirigido aos srs. representantes, verá o povo como a nação vai progredir vertiginosamente, emparelhando senão vencendo em pouco as nações mais civilizadas e progressivas do mundo.

A junta do couce, divisa do partido conservador, vai ser retirado do carro do estado, e este irá por ali além sem medo de precipitar-se, porque as mãos firmes e adextradas do Sr. Cotegipe não são as de nenhum *Phaeton*.

Convença-se o povo de que vão conduzir a patria pelo largo caminho da civilização. A primeira prova n'ol-a deu a camara dos deputados no dia 5. Não foi julgado objecto de deliberação, por uma maioria de 8 votos, o projecto do sr. Affonso Celso Junior declarando abolida a escravidão. Pois que! Pode-se lá comprehender e operar no regimen monarchico e no dominio de partidos conservadores, progresso e civilização sem escravos? Só vencidos pela força da propaganda abolicionista, aos olhos d'estes srs. prejudicial e retrograda, se resignarão elles a viver sem os *negrinhos* e sem gosar sempre do trabalho alheio sem remuneração.

Demis, a *falla* do throno não trata mais da extincção do elemento servil. Logo, do que a *falla* não se occupa, muito menos o devem fazer, como bons patriotas que são, os senhores representantes. O que havia de fazer, está feito.

A *falla* refere-se apenas à ultima matricula de escravos. Não se podia ainda saber ao certo quantos existem, mas são muito menos do que se calculava, graças às medidas legislativas que *tem sido lealmente* executadas e aos sentimentos humanitarios dos brasileiros.

E' o que diz a *falla*.

A principio julgámos não ser este periodo senão uma mentira mais, muitas vezes repetida das muitas com que se avessa o governo imperial a illudir o povo e a historia, mascarando a sua insidia, as suas fraudes e traioas. Parecia-nos mesmo que a insistencia em elle proprio affirmar que as leis sobre emancipação de escravos têm sido *lealmente* cumpridas, era um abafador da consciencia que lhe diz exactamente o contrario.

Mas... não! Não ha tal.

Este governo do Sr. de Cotegipe, do Sr. Prado e do sr. Belisario, por ser um contumaz escravista, não deixa de ser um santo, um innocente!

Os sentimentos humanitarios dos brasileiros!

Mas de que brasileiros trata a *falla*? Dos pretendidos proprietarios de homens, ou dos que trabalham para arrancar do captiverio os que n'elle gemem?

Certamente dos primeiros. Quem duvidar, vá ver esses sentimentos humanitarios nas fazendas, nos eitos, nas senzalas. D'elles não

dão attestados diarios a imprensa nos crimes e atrocidades que denuncia commettidos contra escravos.

Devia-se acreditar que se estes sentimentos humanitarios existissem já teriam triumphado da escravidão; a começar pelo governo, representantes da nação, etc.; mas se é a escravidão que triumphou d'elles, segue-se que são ainda muito embryonarios, não obstante as libertações sem onus e as exclusões da nova matricula, cujo numero é ainda desconhecido e cujo movel é um sentimento humanitario que muito mystifica a humanidade.

A cerca do casamento civil, nada disse a *falla*. Prova de que o sr. de Cotegipe, como um *blasé* não se commoveu com a exumação do projecto do deputado João Mauricio. O Sr. Taunay perdeu o seu latim; o silencio da *falla* equivale a um *não cogito* saraivano.

Em compensação, porém, vamos ter outras muitas reformas. A monarchia quando quer faz milagre de fecundidade. Se produz monstros em vez de seres perfectos, a culpa não é d'ella mas de seus *castigadores*.

Saneamento da capital do imperio, reforma do ensino em seus diversos graus, reforma judiciaria, reforma municipal, como dissemos no numero precedente, do exercito, da armada, da lei de terras, colonização nacional, tudo isso promovido e fabricado com a celeridade de lesma, a verborrhagia, a cabulagem do nosso parlamento e as vistas largas, patrioticas, altruistas dos nossos legisladores — vae longe!

A politica imperial, atacada de somnambulismo com a doença do imperador, começou de imprimir o movimento proprio à estação parlamentar.

E' certo que o ministerio muito pouco caso faz do parlamento. Ahi se apresentou incompleto como estava e quasi desmantelado pela entrada de dous de seus membros na camara vitalicia.

Suprema immoralidade é essa do regimen monarchico de prevalecerem-se os ministros de sua posição no governo para fazerem-se senadores.

Mas isto é justamente a belleza do systema. Se assim não fora, como cresceriam tantos cogumelos politicos? E' preciso que todos subam.

Dizem qua estão indigitados os substitutos dos Srs. Chaves, Prado e Belisario. Serão os novos ministros, deputados que obterão assim bons elementos para se elegerem vitalicios. Basta que os auxilie a morte.

O ministerio é o caminho curto para o senado, o caminho traçado pelo rei.

Que caracteriza hoje o imperio.

Que exprime, entre nós, a monarchia?

A mystificação e a fraude systematisadas; o culto mais saliente, em alto relevo, da prostituição dos costumes; o banimento de toda honestidade, compellindo a esses roubos e peculatos audaciosos e successivos que ás centenas de contos de réis, surgem como pustulas gangrenosas de uma a outro extremo do paiz.

Em synthese — a miseria nacional.

São os frutos de um regimen que escandalisa e affronta a moral e diflama o nome de um povo.

Regimen que propagou o jogo em todo o paiz, sublevando com a roleta official as paixões immoderadas, a avidez de riquezas sem trabalho. As bancas do Estado são as mesalinas dissipadoras do suor do povo.

Regimen que se permite ter na Europa um diplomata gratuito, porque o homem, que é rico, só quer as honras do cargo, não obstante consignar-se annualmente na despesa publica a verba necessaria!

Que concluir d'ahi? — Que se o diplomata não recebe ordenado, não está por isso inhibido de mais tarde reclamar-o por si ou por seus herdeiros. E a nação ha de pagal-o.

O mais essencial, isto é, o que revela mais eloquentemente o desmantelo, o desmoramento em que nos libramos, é a baixa do fundos publicos.

Havemos de voltar sobre este ponto, detidamente.

Baste, por ora, assignalar o inicio da calamidade que ha de desaprumar sobre o paiz.

As apolices de 1:100\$ baixaram a pouco mais d' 900\$!!!

E não pararão n'isso. De monstraremos as causas.

Em face d'essa degradingolada do imperio, já não é para estranhar que um grande roubo acabe de dar-se em Pernambuco, d'esta vez nos cofres das loterias; nem que a questão militar fosse mystificada pelo ministerio e pelo rei.

Boas revelações, entretanto, terão de vir ainda á luz.

Saiba porém, o povo e saibam os militares que o direito, a justiça e a moral não entrarão mais nos eixos — n'este regime.

E' o systema de governo que reduziu a patria á necropoli da dignidade, do civismo e da honra nacional, e portanto...

— E' preciso mata-lo.

DESINTELLIGENCIA

(Missverständniss)

O periodico *Immigrant*, acreditado órgão da colonia allemã em Curitiba, repete em suas columnas, com data de 20 de Abril, a erronea interpretação dada pelo escriptor do *Diario de Campinas* às palavras proferidas pelo nosso illustre co-religionario e chefe republicano em seu discurso pronunciado na cidade de Campinas em 3 do mesmo mez.

De sua lavra accrescenta o mencionado periodico que a animosidade dos republicanos contra tudo o que é allemão parece-se como a uma senha transmittida e observado entre elles.

es scheint uns, als sei Animosität gegen alles Deutsche den Herren Republikanern als Parole ausgegeben...

O que ha a fazer em primeiro lugar é reintregar o sentido e comprehensão do que expendeu o illustrado conferente, Dr. Ubaldino do Amaral, para depois tirar as illações que o caso permite. Proceder differentemente equivale a construir castellos no ar para ter-se o gosto de derrubal-os com um sópro.

Eis as palavras textuaes do orador acerca d'esse ponto debatido:

«Quanto à imigração, os paulistas a estão promovendo com mais critério do que o tem feito o governo imperial á custa de grandes sacrificios pecuniarios.

E' para causar apprehensões o modo porque esta se germanizando o sul do imperio, e que dará em resultado, segundo penso, a mais uma conquista da Alemanha em nome da unidade de raça. Quem observar que o governo de Bismark já não prohibe a imigração para o Brasil, e antes vê com bons olhos formar-se uma poderosa associação, patrocinada por influencias politicas, para a compra de vasta extensão de terras no sul, e estabelecimento de colonias allemãs servidas por navegação sua, e com direcção na Alemanha, quem souber que já temos municipios onde não se falla o portuguez, nem se conhecem os costumes brasileiros; quem se lembrar dos *mukers*, que deram o primeiro aviso do que nos espera para o futuro, não deixará de lamentar a incuria dos governos, e a imprevidencia da palavrosa propaganda que a Sociedade Central de Imigração esta fazendo. Na *Gazeta de Noticias* recebida hontem, o insuspeitissimo e muito competente Sr. Sylvio Romero vaticina a formação de um estado allemão comprehendendo Rio Grande do Sul, Paraná e parte de S. Paulo. Merecem detida reflexão as considerações d'esse illustre escriptor, aliás ardente partidario da sciencia allemã.

Terceira solução é possível: a independencia da provincia do Rio Grande emquanto é brasileira.

Em todos os casos, a sabia politica do Rio de Janeiro está preparando a separação do sul.

Parece que a partilha dos despojos nacionais é que os progressistas chamam conservação da integridade do territorio e da patria grande. Em vão a raça latina e raça aficana sellaram com seu sangue e fecundaram com seu suor esta terra...

D'essa exposição magistral, concisa, transparente e philosophica de ideias á interpretação malevola e absolutamente falsa que levam á sua conta, vae grande distancia; tão grande que até desaparece o fundamento da questão, para só deixar em evidencia um conselho ou insinuação insidiosa, verdadeiro contraste e antithese do pensamento que a originou.

Ainda mais saliente se torna a mystificação premeditada, quando nas accusações lançadas com o fim de outorgar-se ao orador a alcunha de nativista, envolvem-se supostas apprehensões acerca da imigração italiana, a qual o Dr. U. do Amaral declara formalmente ser a que mais lhe sorri pelos seus caracteres e pela affinidade de raça. Eis as suas palavras:

Nunca fui hostil á imigração (antiga colonisação) de paiz algum civilisado; sou entusiasta da imigração dos paizes latinos, e tenho especial predilecção pela italiana, que os paulistas com muito bom senso estão chamando para a provincia».

Em outra conferencia, feita anteriormente, também tachygraphada e impressa, dizia o mesmo illustrado orador, com referencia a este topico o seguinte:

«Em um livro recente diz o eloquente pregador Didon, que as nações á semelhança dos individuos têm deveres, porque se ha consciencia individual, também ha consciencia nacional; que em certas horas os deveres são urgentes: cumpril-os é para os povos questão de vida ou de morte. E acrescentava que se a sua violação produz desastres de que se desperta ao estrondo do raio, peor é a ignorancia que causa as mesmas ruínas, fazendo que as nações pereçam sem que tenham dado um grito: que morram, e que não saibam por quê.

Em um rapido lance d'olhos sobre a Europa, mostra o illustrado frade que ás nações não é dado viver sem que tenham uma alma que se chama PATRIOTISMO, e um ideal a conquistar.

Assim como a grande republica do Norte preenche a sua missão povoando solidões, servindo de refugio a todos os naufragos das velhas civilisações, assim como é seu destino ser o abrigo de todos os perseguidos em nome da liberdade, abrir os braços a quantos a procuram foragidos diante do fanatismo politico; assim como essa agnã das nações estende as suas azas de preferencia sobre as raças germanicas e anglo-saxonia, também nós temos na America do Sul um grande futuro a preencher.

Ao Brasil compete povoar e colonisar o seu immenso sólo, acolher todos os expatriados, principalmente os da raça latina, que ainda não encheu seus destinos na historia. Quando os privilegios e o militarismo que na Europa tem produzido o pauperismo, o proletariado e tantas outras misérias, atirarem populações inteiras para as plagas do novo mundo, é preciso que não vejamos os que procuram uma nova patria passarem pelos nossos portos para irem achá-la em terras menos férteis, menos ricas, menos opulentas, mas nas quaes, como disse Darwin, não terão a desdita de encontrar a escravidão! E' necessario também arredar os obstaculos que nascem do nosso atrasado mecanismo politico e administrativo, tão odioso e prejudicial a nós como ao emigrante é preciso que fundemos a republica federativa (apoiados)».

Podia-se antecipar mais cabal desmentido aos argumentos em tão má hora suscitados?

Pelas breves citações acima feitas, cremos ter sufficientemente impugnada a erronea informação que o *Immigrant*, um pouco precipitadamente, transmittio a seus leitores.

Essa opinião talvez seja adrede provocada por quem tenha interesse em que circule.

Compreenderá sem duvida a illustrada redacção do *Immigrant* que a elucidacão dada pelo Dr. U. do A. a esta these obedece a uma orientação de principios politicos de esphera elevada e que não pode attender exclusivamente á selecção de raças nem a traços accessorios.

O que sobretudo importa a nós, brasileiros, é promover a actividade nacional, a prosperidade commum, evitando ao mesmo tempo antagonismos dissolventes, o aniquilamento ou absorção dos elementos que nos esforçamos de favorecer.

Como republicanos, interessamo-nos em que desapareça o favoritismo, a condensação de privilegios sob qualquer ponto de vista que se exerçam, e ainda mais quando elles tem por alvo a formação de grupos que venham talvez a constituir-se a ante-mural mais temivel á disseminação e consequente adopção das doutrinas que abraçamos.

A MONARCHIA NO BRASIL

O notavel publicista Silvestre Pinheiro Ferreira, que foi ministro de dom João VI, e não pôde fazer carreira no Brasil porque incorrera no desagrado de Pedro I, escreveu em 1841 ao actual imperador uma carta digna de leitura e reflexão.

Depois de algumas generalidades, recorda Silvestre Pinheiro a independencia dos Estados Unidos, e louva a sabedoria dos patriotas que fundaram a republica adoptando a forma federal, unica que podia conciliar os interesses de cada territorio com a prosperidade de todos.

Deplora a anarchia das republicas hespanholas que, não apreciando as vantagens ou antes não percebendo a urgencia de uma união federal, deixaram-se arrastar pela falsa ideia que cada uma d'ellas concebeu da sua nacionalidade, como se os Estados-Unidos da America Septentrional não fossem uma nação, e mesmo uma das primeiras nações do universo.

Lamenta que os conselheiros da coroa brasileira, considerando o principio monarchico

incompativel com a união federal, tivessem adoptado o systema da exaggerada centralisação, que tem sido funesto em paizes de população compacta como a França, e muito mais funesto e fatal ha de ser no Brasil, cuja escassa população está espalhada por uma immensa extensão de territorio.

Pondera que os patriarchas americanos não receando o labio de destruidores da unidade da patria, mostraram a superioridade da sua intelligencia preferindo uma unidade real de effectiva federação de estados á unidade ficticia de uma centralisação impossivel de provincias.

Considera o Brasil dividido naturalmente em cinco estados:

—Pará e Maranhão

—Pernambuco

—Bahia

—S. Pedro e S. Paulo

—Rio de Janeiro, Minas Geras e Espirito Santo.

Estas ultimas provincias deveriam constituir um estado central, sede do imperio federal, sob o governo do sr. d. Pedro 2º, que continuaria a ser imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.

Os outros quatro estados seriam governados pelas princezas irmanas do imperador.

As provincias não mencionadas se dividiriam entre os cinco estados conforme pedissem o bem geral e os interesses dos povos.

Encarecia Silvestre Pinheiro as vantagens que resultariam das alianças entre as cinco dynastias e as casas reinantes da Europa, que favoreceriam a imigração.

Afirmava sem rodeios que o augmento da producção material observado depois da independencia não era devido a progresso nas sciencias, nas artes ou na industria, nem provinha de boa administração, boa politica, ou bons costumes. A apparente prosperidade agricola repousava sobre o espantoso augmento da importação de braços africanos por escandaloso contrabando.

Não teve resposta o escriptor portuguez.

A carta do Sr. Pinheiro e o silencio do imperador completam-se, e encerram uma lição politica.

O notavel publicista, denunciando a centralisação como o mais funesto dos males que arruinam paiz tão vasto e despovoado, tocou certo na chaga incuravel do systema.

Entrevio a diversidade de interesses, de necessidades, de tendencias que cada dia se tem accentuado mais nas tão differentes regiões do imperio.

Elibertando-se a meio das ideias e preconceitos da sua educação, propoz como unico remedio, contra a inevitavel decadencia nacional a federação, mas federação monarchica.

O imperador calou-se, e teve razão.

Reconheceria talvez que a constituição creando um funcionario inviolavel e sagrado, também excluiu de responsabilidade a grande massa dos cidadãos, desde que os privou de iniciativa e acção.

Não lhe escaparia que a nação estava substituida por um populacho administrado, sempre á espera de pão e de festas.

Mas acceitar o conselho de Silvestre Pinheiro fóra limitar a autoridade imperial, e diga-se em abono da verdade, sem proveito para a nação.

Que seria do Brasil com cinco dynastias reinantes!

Que viveiros de principés, de côrtes, de intrigas e discordias!

Não seriam raras as questões de successão; talvez a esta hora o famoso cadete Felipe fosse pretendente, ou herdeiro presumptivo de um dos thronos brasileiros. O conde d'Aquila teria devorado até as pedras de seu estado, e por fim havia de pôr em leilão a coroa. Os outros cunhados da sua magestade teriam arrendado as feitorias, e iriam para Europa

dizer, como o nosso caro pensionista duque do Saxe, que os brasileiros são tão repugnantes como os feijões de que se alimentam. Felizmente não affirma que andemos embriagados pelas ruas...

A confederação de estados monarchicos tem sempre produzido rivalidades e reciproco enfraquecimento, e todas tem acabado por constituir grandes imperios. Exemplo: a Confederação Germanica, convertida no imperio da Alemanha.

O juriconsulto portuguez apreciou bem os efeitos da unidade politica e administrativa, mas não foi feliz no plano de reforma.

Imagine quem puder a que estado teria chegado este paiz, se governado fora por um imperador e quatro princezas, influenciadas pelo conde d'Aquila, pelo principe da Joinville e outros da casa de Orleans, ou de igual valor. Dar-se-hia até a hypothese de um estado brasileiro vir a tocar por herança ao rei de Portugal.

Ninguém hoje nega os males da centralisação, excepto *L'Etoile du Sud*, que chama funesto ao pobre e mutilado Acto Adicional, zomba das provincias dizendo que ellas são quasi soberanas em matrin de impostos; que são culpadas de não haver estradas nem instrucção primaria, o que tudo ficaria sanado se a autoridade do Inspector Geral da Instrucção Publica da Corte se estendesse sobre todo o paiz, e o ministerio das obras publicas tivesse á sua disposição um corpo de engenheiros para a construcção e conservação das estradas.

Quem não acreditar que um escriptor francês emprega essas doutrinas, repudiadas pelos mais ferrenhos conservadores do Brasil, corra ao n. 113 da referida folha, publicado em 21 de abril ultimo, e lembre-se que o mesmo periodista recentemente quebrava lâncas pela escravidão.

A' utopia de Silvestre Pinheiro corresponde a do sr. Joaquim Nabuco, traduzida em projecto por esta fórma, extremamente vaga e elastica: O governo do Brasil é uma monarchia federativa.

«Em tudo o que não disser respeito á defesa externa e interna do imperio, á sua representação exterior, á arrecadação dos impostos geraes, e ás instituições necessarias para garantir e desenvolver a unidade nacional e proteger effectivamente os direitos constitucionaes dos cidadãos brasileiros, os governos provinciales serão completamente independentes do poder central».

Foi assignado o projecto por 38 deputados na hora em que eram despedidos por ordem superior. E não se fallou mais n'isso.

O partido liberal vae apparecer na imprensa. Seria opportuno explicar o seu federalismo, se é que os 38 deputados fallavam sério.

Como será o tal governo monarchico federal? Um principe para cada provincia, e o imperador fazendo de sol do systema? Confederação de estados monarchicos? Federação democratica, elegendo as provincias os seus presidentes, tendo representação igual no senado, dispondo das suas rendas, nomeando juizes, legislando sobre instrucção em todos os graus, pondo e dispondo sobre estradas, navegação fluvial, etc.?

A que ficaria reduzida a realza, e quanto duraria?

A nosso ver só ha dous systemas:

— O do imperador, que é a centralisação monarchica, em que a realza suplantaa a democracia;— O da Republica Federativa, que só deixa ao poder central o que é strictamente necessario aos interesses communs, e restitue ao individuo, ao municipio e á provincia o que lhe pertence.

Produziu o primeiro os seus frutos, suffocando toda a vitalidade nacional.

Faz o segundo a felicidade da Suíça, a grandza dos Estados Unidos, o progresso da Republica Argentina.

A CESAR O QUE E' DE CESAR

Não é a primeira vez que o *Jornal do Commercio* leva uma descalçada de se lhe tirar o chipéu.

Já em tempos remotos a *Gazeta de Notícias* teve sua péga com elle; a *Gazeta da Tarde*, que foi por aquelle tratada de moleque na pessoa do seu principal radactor, vergastou-o a seu turno; e outros jornaes se o não tem feito, explica-se pela razão que não vivem por conta propria mas a salario de quem tudo pode.

Indigna-se a consciencia de todo homem são ao presenciar a maneira infame e ultrajante por que aquella empresa adultera os altos fins da imprensa.

Já se repetio innumeras vezes que o *Jornal do Commercio* é a sentina da sociedade brasileira e o mal que produziu o seu exemplo vemol-o todos ao contemplar a que misero estado desceu a moralidade, a politica, a sensibilidade de um povo, quando em vez de encontrar incentivo nos caracteres mais salientes e nos sacerdotes do mais nobre apostolado, só desobre fezes, pustulas, torpezas.

O *Paiz*, usando d'aquella mascula linguagem que lhe é característica, autopsiou esse grande criminoso social, deslizando-o em todos os meandros, descortinando-lhe os mais intimos recessos, trazendo á superficie toda a sanie que empestia-lhe o corpo.

Notem que a nobreza extrema do escriptor levou-o não a agitar o publico contra o cynico perversor, nem a insultar n'aquelle uma justa animosidade pelos desacatos á moral e o vilipendio das leis mais communs de respeito reciproco, quando não do dever de jornalista.

O seu fim e objectivo limitou-se a justificar-nos de uma mancha por demais affrontosa, biographando em traços vivos, magistraes e verdadeiros o torpe promotor de todas asvilezas e chegando á conclusão que o desnaturamento da imprensa fluminense origina-se d'elle, tem n'elle o mais porfiado continuador que o cultiva com seu maximo gaudio e proveito, na ausencia de vinculos respeitaveis que o prendam a patria, que ren'gou, nem as homens, que caluniam; d'onde resulta a calamidade da existencia do *testa de ferro*, producto da protervia de um estrangeiro que o impoz aos costumes nacionaes e deu-lhe foros de cidade prevalecendo-se de um poder ou influencia erguida a expensas dos elementos em evolução.

Pouco ou nada teriamos a acrescentar a tão lucida exposição, a não ser o desejo de applaudir a um esforço nobremente iniciado de collocar as cousas em seus eixos e de sincerarmos de uma culpa que tardava-nos varrer de nossa testada, destruindo assim uma accusação constante que levantam os que ignoram a seriação dos factos sociologicos.

Uma unica observação ajuntaremos ainda, tomando assim parte n'um combate em que que terçim armas contendores titanicos.

As peripecias d'essa luta, o seu desenlace e as suas consequencias deviam vivamente inte'essar a todos os collegas da imprensa que tem n'isso empenhados o seu credito, os titulos com que se apresentam ao publico, o caracter e o destino que lhes está reservado.

Derrotado o esforçado paladino das patrias liberdades, o Daniel das nossas fileiras ante quem todos se descobrem em attitud reverente: o que nós espera, qual a sorte irremediavel de cada um de nós outros, colhido em separado e desguarnecido dos invejaveis predicados que exornam e consubstanciam aquella poderosa individualidade?

O instincto da propria conservação chama-nos a postos; conservar-nos n'uma expectação apathica, equivale a lavrar a sentença do proprio anniquilamento.

O nosso heroico propugnador não carece de auxilio, não pede reforço, pois sobra-lhe brio,

força, capacidade para esmagar o colosso a quem lançou o reptio.

Só um *Diario de Noticias et concomitante* cabe atirar chufas e doestos em conjunctura tão solemne e melindrosa.

O nosso dever é applaudir e exultar por mais uma conquista alcançada no prelio pacifico e incruento das idéas.

DECLARAÇÃO POLITICA DOS REPUBLICANOS DO 10º DISTRICTO

Está consummada a convicção!

De dia para dia mais se accentua o descalabro, que rasga as entranhas da patria por força de entorpecimento moral, que solapa a energia e o civismo dos nossos homens de Estado, a quem cabe velar pelo progresso nacional!

A corrupção que maneja o «poder pessoal» já invadiu as instituições; agora inutilisa os homens.

E os pretensos delegados do povo se convertem em instrumentos ignobis de uma unica vontade soberana, vontade que tudo vence, porque tudo póde, acostada á «lei fundamental», a essa «carta constitucional», que, por escarneo, se diz «Constituição», ninho de ferro em que se aquece e se nutre a hydra do despotismo, embora manhosamente desfigurado sob o manto estrellado de fallazes e tentadoras liberdades!

«Latet anguis in herbis»?

O despota é manso, é força diz-o, porque sabe corromper, e o esphacelamento moral obra sem ruido, sem o estrepito dos grandes golpes reactores.

Mas o exito do mal é sempre e sempre o mesmo e com vantagem da suavidade que não irrita.

E a patria estaciona, definha retrograda e tomba; mau grado os valentes protestos que, de quando em quando, brotam de rorejantes labios ainda nacarinos que a taça das honras palacianas não conseguiu tisuar.

Ao lado de muitas consciencias covardes, algumas se alteram zimbando a morbida bajulação de tão numerosos vassallos da soberania fatal!

Mas estas luzes são bem tenues para não empallidecer no seio de tanta escuridão!

A monarchia é o governo das honras.

Estão os aulicos no seu papel. Os partidos militantes—o liberal e o conservador—se degladiam; distantes do pugilato das idéas, mas aliçados no amphitheatro do pessoalismo, e os representantes desses partidos monarchicos, de parte honrosas excepções, uma vez constituídos, só visam hostilizar-se em proveito proprio, de olhos fitos no poder que deslumbrante os fascina.

Uns e outros esquecem-se dos interesses nacionaes, que postergam, trahindo sempre e sempre os compromissos sellados pela honra ante o povo, que soffre e que por habito já não clama.

Succedem se os governos.

Com elles pomposos programmas. Mas exhibem todos, Gregos e Troianos, as mesmas provas de seu interesse negativo por tudo quanto concerne ao bem de todos ou do maior numero. E a soberania do povo brasileiro tem sido uma mentira. A sua autonomia, uma illusão. Elle, sim. E' o martyr, o escravo que não cança; maltrapilhos que ha seculos trabalham para seus senhores, que mal lhes dão em troca os andrajos de miseraveis compensações.

Ha para nós progresso moral ou material? Não; para nós a monarchia só faz escravidão.

Os problemas que conduzem á li-

berdade são pospostos, esquecidos se não de vez eliminados pelo absolutismo do rei.

Quantas portas se fecham ás nossas liberdades, ao nosso progredir?!

A liberdade de cultos, a grande naturalisação, a descentralisação dos poderes, a generalisação do suffragio, a subordinação do poder executivo, a independencia e effectiva responsabilidade do poder judiciario, a revista geral da legislação de accordo com os principios modernos, a liberdade de industria e seu desenvolvimento, a liberdade regular de imprensa e representação, a obrigatoriedade do ensino primario, a liberdade do secundario, e a sua diffusão, a promoção, criação, e aproveitamento da riqueza nacional, a suavisação de impostos e energica fiscalisação da economia publica e alargamento da população, a adaptação e regularisação economica do trabalho, o melhoramento das organizações publicas e outros tantos problemas que affectam a desenvolução do paiz, têm sido até então descurados, lançados aos marneis da decomposição.

Cada descuido industrioso desses programmas, importa uma cadeia.

São escassos os trabalhadores do progresso, e esses mesmos têm caído na arena victimas dos seus tentamentos; cobertos de apôdos dos imperialistas retrogrados que ainda criminalmente os insultam, esquecendo-se de que a historia não teme doestos e que cedo ou tarde lhes fará também justiça.

E' força, portanto, uma reacção séria contra a inercia, o torpor que veste a lamentavel governamentação actual.

Cumpré, portanto, doutrinar o povo na cartilha do esforço, da nobreza e da independencia, ensinar ao cidadão que já é chegado o tempo de alçar a fronte abatida, que cora de vergonha, hasteando a bandeira da resistencia contra as forças gastas e caçadas dos corruptores e corrompidos, que machucam e apparelham o prolapsos da nação brasileira nas escarpas do atraso e do servilismo.

E, pois:

CONSIDERANDO, que todo esse cortejo de males e imprevidencia inhere á forma de governo entorpecedor que nos rege;

CONSIDERANDO, que por ser monarchico enfeixa nas mãos de um só homem todos os poderes politicos artificialmente escravizados; investe um dictador para viciar as deliberações dos delegados do povo, os quaes impendem de seu «veto» ou «sanção»; para fraquear a sua intervenção na organização judiciaria e execução penal; para cavalgar o poder executivo, sobre que exerce acção directa e immediata pela investidura de chefe de tudo isso por força da capciosa carta de Pedro I;

CONSIDERANDO, que por ser hereditario assenta a irresponsabilidade perpetua para os erros e abusos do tyranno; facilita a possibilidade do governo da nação por incapazes que estuem da dynastia, transmitta o governo da nação, mau grado della como se propriedade translatia fóra;

CONSIDERANDO, que sua denominação de «representativo» não passa de mera e revoltante ficção, visto como a pratica tem dolorosamente mostrado ser tal caracter incompativel com o governo pessoal, que o absorve na luta real, que abre contra-harmonia apparente que se lhes pretende injectar, pondo-se em jogo a deturpação dos caracteres, amoldando-se o elemento democratico por suggestões, honrarias, ameaças e outros mil arietes com que cabalmente se destroe a representação nacional.

(Con tinúa)

SECÇÃO LITTERARIA

FRADES SEM CABEÇA

O solo pernambucano já não era, felizmente, calcado pelos algozes que o ensoparam de sangue dos republicanos de 1817.

Desempenhada a contento regio a missão de exterminar estes rebeldes, retiraram-se os dois envidados d'el-rei D. João VI, os famigerados representantes de seu poder e de sua justiça.

Aos seus lares tinham já em liberdade volvido da Bahia os infelizes que alli jazeram longo tempo nas prisões. Escapram ao morticínio pelo affrouxamento que a revolução de 1820 em Portugal operara no regimen despotico do tempo.

Dispersa, mutilada e reduzida á miseria pela furia da repressão realista, começava a familia da provincia de respirar e reconstituir-se.

Restava apenas uma sombria recordação da Alçada de Bernardo Teixeira e suas implacavel devassas, de Luiz do Rego, de seu exerrito, de suas commissões militares, de suas perseguições e supplicios, oppressões essas a que puzeram termo a capitulação de Beberibe.

Era então pelo Natal de 1821.

Governava a provincia a Junta Provisoria paesidida por Gervasio Pires Ferreira.

A confiança renascia a despeito e mesmo pelo facto da agitação politica da alma popular que alli e em todo o paiz se manifestava. Eram os symptomas da revolução que se elaborava e devia trazer em seu seio a proxima proclamação da independencia do Brasil.

Aos Afogados, povoação suburbana do Recife, havia chegado por essa epoca uma familia da cidade: uma senhora viuva e cinco filhos. Installou-se esta familia um pouco além do povoado, em uma chacara que era um verdadeiro Eden pela belleza e pela opulencia e variedade de flores, plantas e arvores fructíferas. Este paraíso recebia as suas divindades.

A viuva, uma sympathica e respeitavel senhora, não a tingira ainda aos quarenta annos. De seus filhos, tres eram raparigas de 15 a 20 annos; os dois ultimos eram os mais novos. A segunda das filhas e a mais bonita, era um typo de formosura: esbelta, forte, gentil meiga. Os olhos grandes, negros; limpidos, ornados de cilios longos e abundantes, tinham as scintillações das estrellas. Os cabellos bastos igualmente pretos e compridos, a fronte larga, a boca e o nariz pequenos, o rosto oval, a tez levemente morena e rosada; todo este conjunto imprimia-lhe um encanto, uma graça infinita.

Devia ter dezoito annos e chamava-se Angelica.

Astrez irmãs começaram a ser conhecidas no lugar pelas tres graças, e Angelica—pela mais bella das graças. A' este titulo dava-lhe direito ainda o seu temperamento jovial. Das tres, era a que menos apparecia; quando porrem se mostrava era ver-se surgir a aurora. Notava-se comtudo que, como a luz do sol, succediam sombras áquella resplandecencia. Havia certamente horas ou dias de tristeza que annuviava-lhe a natural alegria.

Não pernitoitou a familia o primeiro dia no povoado sem ser prevenida de que a deshoras costumavam alli de apparecer vultos mysteriosos, atterradores. Mais de uma pessoa dizia que taes appareções eram lobishomens; outras affirmavam que havia entre ellas um frade, mas, sem cabeça; que quem se animava a ir ao seu encontro nunca conseguia aproximar-se-lhe, pois sumia-se subtilmente como uma sombra; que outras vezes atravessava, montado em uma mula, mais velozmente que Apollo sobre o Pégaso.

São almas penadas, cheias de remorsos; informavam outros; sem duvida, procuram

alguem a quem confiem alguma missão secreta para desengano de consciencia.

— Posso garantir-lhe, accrescentava uma solteirona já quinquagenaria, que entre as pobres almas penadas ha mais de um frade sem cabeça.

— Mas, será frade ou padre ?

— Ora, padre ou frade! Sei lá!... Os que por minha desgraça vi e tagarellavam como jandaias, tinham habitos como os frades.

Induzia estes habitantes a acreditarem n'isso, o facto de terem sido immolados no patibulo varios sacerdotes que figuraram na revolução de 1817 e a tornaram por isso mais notavel. O Padre João Ribeiro suicidou-se, mas os legalistas arrancaram o cadaver á sepultura e tripudiaram sobre elle; o padre Pedro Tenorio foi enforcado, o cadaver decapitado e arrastado á cauda de um cavallo pelas ruas do Recife; o Padre Antonio Pereira, da Parahyba, foi tambem enforcado, e decapitado o seu cadaver. Outros ecclesiasticos houve fuzilados na Bahia, taes como os Padre Roma e Miguelinho.

Os seculares insurreitos sacrificados na forca eram todos conhecidos; seus cadaveres foram tambem decapitados e alguns tinham parentes na povoação. De uns ou de outros, ponderavam, é bem possivel que alguns haja precisando, para a paz de suas almas, dos suffragios dos viventes.

Outra opinião. Entre muito heroismo e muitas abnegações vio-se no movimento de 17, muita fraqueza, muita cobardia. Mal a revolução cahia, serpeava esqualido e apressado o monstro da delação. Quem sabe se algumas das victimas dos traidores ou dos cobardes não têm segredos importantes a revelar, não procuram um amigo ou um membro da familia, como o finado rei de Dinamarca a seu filho Hamlet?

No tempo das aguas turvas, muitos se aproveitam d'ellas para as suas perfidias e vilanias. E' o que aconteceu em 17.

A maioria dos moradores, porém, nenhuma attenção prestavam a essas narrações; nem lhes dava maior credito nem se assustava muito com ellas a viuva D. Anna de Castro. Limitava-se ella a recolher-se cedo e a fechar bem as suas portas, precaução em todo o caso prudente.

Não deixava contudo, quando convidada, de assistir com suas filhas, ás reuniões de familias ou aos divertimentos populares usados n'essa estação. Taes divertimentos consistiam nosprespepes, em que contam e dansam raparigas vestidas a pastora em louvor do menino Jesus, e nas festas de reis, nas quaes dansam e cantam foliões fantasiados, terminando sempre pela exhibição da *zabellinha come pão*, especie de cavallo izabel ou *cavallinho fusco dansante*, e do *bumba meu boi*.

Passaram-se dois mezes. A familia Castro nada tinha a contar ainda acerca de almas do outro mundo; nada lhe perturbára a doce existencia. As tristezas apparentes e accidentaes de Angelica eram rapidas eclipses que não penetravam o vulgo.

Entretanto continuavam sempre os rumores de excursões nocturnas de corpos decapitados pelas ruas, praças, jardins, quintaes e montes. Viam-nos, ora isoladamente, ora em grupos, dando gritos, gemidos, uivos, ou murmurando ciciosamente como leques de palmeiras, agitados pelos ventos ou vibrando azas como um bando de gaviões.

— Já não posso mais ouvir gemidos á minha porta, Sr^a. E' todas as noites, uma perseguição mesmo.

Assim queixava-se a viuva um velho alferes miliciano, muito realista.

— Ha de ser a alma de algum damnado republicano justicado que quer agora vingar-se de mim. Uma noite espiei pela fresta da janella e vi o bicho. Ia dar-lhe um tiro, mas quando apontei-lhe o bacamarte, esvaio-se sem eu ver como! Nunca fui amigo de resas, Sr^a. D. Anna, mas agora sou obrigado a resar.

Por fim a propria viuva Castro foi consi-

trangida a confessar que ha duas noites vinham interromper-lhe o somno vozes sepulchraes em redor de sua casa, bradando lhe:

— D. Anna, ouça!

— D. Anna, escute!

Realmente tem-lhe isto causado assombro. Estava resolta a retirar-se para a cidade quanto antes.

Em uma das noites seguintes foi ella acordada bruscamente por uma voz sumida, arrastada, dolorosa que lhe dizia: — D. Anna, D. Anna, ouça, não se aterre. D. Anna, D. Anna escute. Não conheça a minha voz?

A viuva a ouvia bem perto de si como se lhe fallassem ao ouvido.

— Quem me chama? Perguntou, assustada, fria, tremula. Se venas de parte de Deus, falla.

Se és enviado de Satanaz, vái-te. Eu te esconjuro em nome de Christo e da sua santissima cruz. Se és Belzebuth, accrescentou ella com força, fazendo cruz com os indicadores, eu te esconjuro!

— Não! Não!... Sou enviado de Deus. Ouça-me. D. Anna, sem medo, reconheça a minha voz. Sou eu, a alma de Antonio Henrique, o antigo amigo de sua casa; trago-lhe mensagem da alma de seu marido, capitão Pedro do Castro. Ella não pode gozar da paz no mundo dos espiritos, nem sahir do reino das trevas onde se acha, onde soffre inimaginaveis torturas.

E'-lhe vedada a luz resplandecente do remanso celestial. Para que cesse o seu tormento, para que entre no goso da paz e no seio da luz, é preciso reparar o mal enorme por ella commettido na vida terreal. Póde e deve reparar-o D. Anna, isso lhe supplica a alma de seu marido e isso é agradavel a Deus. Attenda. Seu marido foi duro e injusto para com o sua boa e resignada filha Angelica e para com o noivo que ella escolheu. Tudo elle fez caviliosamente para frustar-lhes o casamento, para separar-os. Nem a hora, morta se abrandou; nem á hora de transpor este mundo de peccado esqueceu seu odio contra o pobre rapaz, e o impoz ainda á Sra. e á filha! Obstinção horrivel! Feissimo peccado! A alma de seu marido está arrependida de sua iniquidade e quer reparar o mal. Ella revoga a ultima vontade e pede-lhe de casar sua filha Angelica com o João de Barros. Deus permittio que eu pudesse receber esta mensagem. D. Anna, salve a alma de seu marido!

E a voz calou-se e D. Anna sentio sobre seu rosto uma fria impressão de leves jactos d'ar como que impellidos brandamente por um leque. Ella cobrio-se rapidamente até a cabeça com a colcha; e suores frios lhe gotejavam de todo o corpo e não conseguiu mais adormecer senão depois de fatigada pela insomnia.

Com grande admiração de suas filhas, estas a encontraram dormindo profunda mente pela manhã, quando já o sol illuminava toda a terra.

(Continua).

A primeira entrevista

Ella não tarda. Disse-me que vinha: Mas quem sabe! Se acaso acontecesse! Qualquer cousa imprevista e não viesse! Oh Daus do ceul que situação a minha!

E este relógio vil que não caminha! E o tempo! — uma hora apenas e parece Noite fechada já! Ah! se chovesse!... Mas, não: alguém tocou a campainha.

Alguem subio veloz a minha escada: Ouço um rumor de seda machucada E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espirito delirante: Abro a tremar — e toda palpitante Ella cahé a sorrir entre os meus braços.

(Do Diario do Povo).

NOTAS

CREAÇÃO DE UM LYCEU

Sob impulso da proposta que ha tempo fez a loja maçonica *Ganganelli do Rio*, iniciou-se e está prestes a ser sancionado o projecto da criação de um Lyceu onde a mocidade possa instruir-se não só nos cursos primarios de estudos bem como nos secundarios e superiores. Já fizemos presentes as grandes vantagens que deverão derivar da instituição que vai-se fundar, e a nenhuma outra corporação calia auspiciar tão nobre tentamen, do que á maçonica á cuja dilatada acção se devem todos os melhoramentos moraes que são uma realidade e uma conquista de nossa sociedade holierna sobre a antiga.

Nem por deixar de apregoar os seus actos com ostentação e aparato, influe menos a maçonaria sobre os espiritos. Trabalhando activamente, velada pelo silencio e a modestia, ella consegue por ultimo converter os mais rebeldes e derrocar quaesquer obstaculo, representados pelos restos de fanatismo e as travas da ignorancia.

Afigura-se-nos, pois, que novos horisontes amplos e dourados se descolinam para o gremio maçonico, que actuará d'um modo decisivo e salutar sobre o futuro da sociedade implantando em seu seio a benetica e fecunda instituição a que alludimos.

Honra á maçonaria.

×

ANNIVERSARIO. — A *Democracia* sauda e felicita com abundancias de oração ao illustre imperterrito chefe republicano Joaquim Saldanha Marinho, pelo seu feliz anniversario natalicio occorrido a 4 d'este mez.

Estreita-o em fraternal amplexo, desejando ardentemente que aos 71, outros muitos e auspiciosos anniversarios lhe succedam.

×

O CARMENSE. — Recebemos o 1.^o numero d'esta publicação. Respira honestidade e fins pacificos. Não teria destoado da parte do novo collega alguma referencia ás temerosas questões que se agitam, para assim firmar a sua orientação e a intelligencia de seus leitores. Escripito com escrupulo e moderação, «O Carmense» grangeia desde logo sympathia e interesse. Agradecemos.

×

A MONARCHIA NO BRASIL. — Honramos hoje as columnas d'este periodico com a publicação do artigo que traz a epigraphia acima. Chamando a attenção do leitor, estamos certo que o correlará commosco quanto á importancia e fundamento que encerra. Nós, congratulamo-nos para com o seu autor.

FRASE SEM CABEÇA. — Outra comp sição, litteraria, que vem dar realce a estas columnas, é a que publicamos encimada com este titulo. Além do merito intrinseco, pela naturalidade, limpidez e graça de um estylo fluente e despretencioso, apresenta o de versar sobre historia patria e ser vasada no mais puro molde democratico. A continuação agradará ainda mais ao leitor, a lançam-l-o.

×

MANIFESTO REPUBLICANO. — Por intervenção do nosso collega e representante em Juiz de Fora, o Sr. Eugenio Augusto Pinto, veio-nos ás mãos esta importante peça que nos apressamos em reproduzir, contribuindo assim para que circule repetidamente o conhecimento da nobre attitudo assumida por aquelle grupo que tão gallhardamente soube destacar-se d'entre a massa de espiritos marasmados d'esta apoca. Daremos tambem publicidade ao artigo de apresentação com que o periodico «A Propaganda» encetou a sua cruzada. E' notavel pela elevação e oportunidade de seus conceitos.

×

APPELLAÇÃO CRIMINAL. — Por crime de injurias impressa, processou o Sr. Serafim José Alves ao Sr. Joaquim José de Carvalho filho. O publico de certo, lembra-se dos incidentes d'esta pendencia que assumio proporções collo-saes, pois foi tratada nos pedidos. O Sr. Serafim reuniu os documentos n'um livro e offereceu-nol-o. Pende a decisão do Tribunal de Relação da Corte e em breve saberemos a ultima palavra sobre tão debattido ponto. Independentemente d'isso, vamos folhear o livro, composto de cerca de 200 paginas pois contém arrasoados lucidissimos. Agr decemos.

×

Como no Ceará, como no Pará, em Sergipe e outras provincias manifestavam-se as mesmas lutas entre os presidentes e os corrilhos politicos, enorgumeno da situação. Em quan'o as sang'esudas não cahirem de cheias, esses attritos na familia são inevitáveis.

×

A nobreza e fidalguia do imperio acabam de receber um succulento reforço. Sua magestade elevou a essa classe grande numero seus subditos da provincia de S. Paulo conferindo-lhes titulos de marqueses, condes, barões e commendadores.

E' um symptoma caracteristico da actuação de um meio vicioso nas sociedades organisadas constatado pela historia. Quanto mais crescem as classes privilegiadas em um paiz mais decresce a moral e menos se respeita o direito, menos se conhece a justiça; e a liberdade é o arbitrio dos poderosos esmagando tudo que não se lhes pode oppor.

E' cousa singular: a nobreza e fidalguia d'esta terra vão aureolar justamente os reprobos do escravismo.

Devido á abundancia de composição typographica, forçoso nos foi transferir a tinservação de alguns trabalhos, pelo que pedimos e desculpa aos cavalheiros, que nol-os viandote se obsequiaram-nos.

×

Como tinha previsto «O Paiz», o Sr. Conselleiro Bento Li boa não pôde manter-se na presidencia do Rio Grande do Sul. As exigencias e insaciabilidade dos amigos politicos o puzeram em sitio.

ANNUNCIOS

ATELIER

CAÑIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações do tenplos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

HOTEL LUSITANO

DE

DUTRA & CUNHA

Este estabelecimento recebe directamente os melhores vinhos de todas as qualidades, para mesa e fino.

Completo sortimento de cervejas de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiras, comidas frias á qualquer hora; boa mesa com asseio e promptidão.

21 RUA DE GONÇALVES DIAS 21

RIO DE JANEIRO

PRÔFESSOR

A quem desejar cultivar o estudo de linguas vivas, como allemão, inglez, francez, etc., offereço-me no caracter de guia e professor.

Outros ramos de instrução não me são estranhos; assim, incumbo-me de explicar historia geographica, bem como de dar a conhecer as diversas escolas philosophicas, systema de governos, etc.

Encarrego-me tambem da instrução primaria, a começar pelo ensino do alphabeto ou anagnosia da lingua portugueza.

C. Regazoli.

32 RUA GONÇALVES DIAS 32

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Provincias, editadas pela livraria Seralim.

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRANAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PECAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princeza dos Cajueiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angu.....	18000
A casalinha de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Liz.....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 1 acto.....	8500
Amor por annexos.....	8500
Uma vespera de Reis.....	8500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem á lua.....	18000
O joven Telemaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	8500
Por um triz.....	8500
Quasi que se pegam!.....	8500
Um alho.....	8200
O meu amigo banana.....	8200
A bengala.....	8200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	18000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinha de Val-flor, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	18000
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000

Typ. d'A DEMOCRACIA.